

Fazenda Ribeirão

HOTEL DE LAZER

TRANQUILIDADE, CONFORTO E LAZER
EMBALADOS PELO SOM DA NATUREZA

www.fazendaribeirao.com.br

1ª EDIÇÃO



Vale do Café

REVISTA

UMA INSURREIÇÃO QUE ESTREMECEU O IMPÉRIO

Pg. 12

A história da fuga de centenas de escravos no coração do Vale do Café.

MODA E
COMPORTAMENTO

Declarada aberta a
Temporada da moda.

Pg. 05

FAZENDAS
DO CAFÉ

Fazenda Santa
Eufrásia

Pg. 24

DESENVOLVIMENTO
DO TURISMO NO
VALE DO CAFÉ

Pg. 28

O AROMA DO VALE DO CAFÉ TRADUZIDO NA HISTÓRIA DE CADA PÁGINA.

Café

CULTURAL

Sigmund e Freud, por Yorhán Araújo



Sigmund Freud foi um médico neurologista, conhecido como o 'Pai da Psicanálise' e, mais que isso, foi a inspiração do trabalho do ilustrador e quadrinista de Volta Redonda-RJ, Yorhán Araújo. O artista baseou seus personagens no psicanalista, uma vez que suas criações retratam seus próprios pensamentos e reflexões acerca do mundo à sua volta e em questionamentos de quando era criança.

“Escolhi um cachorro (Sigmund) por ser considerado bobo e brincalhão e a raposa (Freud) por ter um conceito de ser esperta. Assim poderia brincar bastante com o Sig tendo dúvidas e o Freud explicando”.



A ideia dos quadrinhos fez tanto sucesso na rede de relacionamentos Facebook que ganhou uma página própria: Devaneios com Sigmund e Freud, que tem atualmente mais de 37.000 curtidas. Como resultado de seu excelente trabalho, Yorhán pretende lançar, até o final deste ano, não somente o livro contendo as tirinhas de Sigmund e Freud, mas também a obra 'Beca e Nico', um livro ilustrado que fala sobre o ótimo relacionamento entre dois irmãos que vivem juntos muitas aventuras.

Para saber mais sobre o trabalho de Yorhán, leia a tirinha desenvolvida especialmente para a revista e acesse: www.facebook.com/yoilustra.

DEVANEIOS Com: SIGMUND e FREUD

YORHÁN ARAÚJO





FOTO: MUSEU CASA DA HERA, VASSOURAS-RJ, POR SYLVANNA LOBO.

Em março, o Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial promoveu um press trip (programa de visita com jornalistas e outros profissionais da comunicação) com representantes da imprensa nacional e especializada. Fizeram parte do roteiro os municípios de Pirai, Barra do Pirai, Rio das Flores, Valença e Vassouras.

Muita coisa precisa ser feita ainda para nos tornarmos uma região mais competitiva e que leve o turismo realmente a sério. Do avanço na legislação, à melhoria da infraestrutura turística e atração de investimentos. Mas já há ótimas iniciativas. Parabéns aos empresários e instituições que têm se sensibilizado nesse sentido. Estamos no caminho!

José Luiz Júnior é Bacharel em Turismo pela Universidade Severino Sombra (USS), produtor cultural e consultor na área de projetos turísticos e culturais.

FOTO: MUSEU CASA DA HERA, VASSOURAS-RJ, POR DOUGLAS MONTES



EDITORIAL

UMA REVISTA DO VALE DO CAFÉ PARA O VALE DO CAFÉ E PARA O MUNDO!

Com quantos pés de café se sustenta um Império? No ano de 1850, quando o Brasil já era o maior exportador mundial do gênero, cerca de 213.000 toneladas saíram daqui para abastecer o mundo. Desse total, 133.000 vinham exclusivamente do Vale do Paraíba Fluminense (principalmente Paty do Alferes, Resende, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Valença e Vassouras).

Isso fez com que o Vale do Café fosse o centro econômico e cultural do Império brasileiro durante um bom tempo. Se destacaram sobremaneira Valença e Vassouras, esta última tendo sido considerado a capital do café no Brasil. Grandes companhias de teatro e ópera vinham muitas vezes primeiro em Vassouras e depois seguiam para a corte.

Esse ciclo virtuoso (virtuoso?) gerou um custo humano, social e ambiental altíssimo. Um dos mais cruéis regimes escravocratas da América Latina e a devastação de quase 100% da mata nativa. Por outro lado, nos legou também o Jongo, a Capoeira, as Folias de Reis, o Calango, belíssimas e opulentas fazendas, sobrados e casarões.

A produção acadêmica sobre o Vale do Café é vasta. Alvo de

pesquisas, teses e dissertações, muitas vezes multi e interdisciplinares, o Vale dá panos para mangas em quase todas as áreas. A produção jornalística também é muito grande porque as diversas e curiosas histórias acabam por despertar o interesse da imprensa regional, nacional e até internacional como foi o caso da Papersky Magazine que esteve no Vale do Café em março.

Hoje, o desenvolvimento econômico do Vale do Café deve ser pensado primeiramente a partir de suas principais potencialidades que são o turismo e a cultura. O setor de economia criativa, que também envolve a indústria cultural, cresceu mesmo num ano de recessão como foi o ano de 2015. Esse é um indicador que nos dá sobretudo esperança. O turismo e a cultura não são peças secundárias na engrenagem do desenvolvimento econômico, pelo contrário, são molas propulsoras que devem ser exploradas em todas os seus segmentos e nuances.

O Vale do Café é ainda um lugar a ser explorado, a ser descoberto, visto e revisto. A Revista Vale do Café quer mergulhar nele e ser um veículo propagador das histórias e das riquezas dessa região. Sem

perder de vista que as maiores riquezas do Vale do Café são sua memória, sua história e sua gente. Queremos ser uma Revista do Vale do Café, para o Vale do Café, para o Brasil e para o mundo.

Para a edição de estreia, preparamos uma reportagem especial sobre a insurreição de escravos que abalou os alicerces do império brasileiro em 1838, conhecida como a insurreição de Manuel Congo, nossa capa. Tem uma visita ao passado na belíssima fazenda Santa Eufrásia, da simpática e atenciosa proprietária Beth Dolson e uma viagem no tempo por meio da rua Caetano Furquim, uma das principais ruas do comércio vassourense. Na seção Resenha, uma conversa direta e elucidativa com o historiador Ricardo Salles, especialista no Vale do Café e em Escravidão. Uma coluna muito interessante sobre moda com Juliana de Brito e sobre Cultura Popular com o Prof. Simão Pedro. Tem também poesia e muito mais! Vem com a gente conhecer o Vale do Café.

José Luiz Júnior

EXPEDIENTE

DIREÇÃO EXECUTIVA

José Luiz Júnior

DIREÇÃO DE JORNALISMO

Juliana Henriques

DIREÇÃO COMERCIAL

Thamiris Sales e Maicon Vargas

DIREÇÃO DE LOGÍSTICA E DISTRIBUIÇÃO

Rodolfo Lavinias

DIREÇÃO DE ARTE

Bianca Monsore

EDITORES

José Luiz Júnior e Juliana Henriques

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Bianca Monsore

COLABORADORES

Simão Pedro dos Santos, Sandra Cândido, Juliana de Brito

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Juliana Henriques



REVISTA VALE DO CAFÉ

Telefone: (24) 98873-3744 / 99266-1822

Anúncios e assinaturas: (24) 99276-6426

CNPJ: 13.925.278/0001-11

Tiragem: 2.000 exemplares

Circulação: Vassouras, Valença, Barra do Pirai, Mendes, Engenheiro Paulo de Frontin, Pirai, Rio das Flores, Miguel Pereira, Paty do Alferes, Três Rios e Paraíba do Sul.

Publicação bimestral de cultura e turismo da região do Vale do Ciclo do Café/RJ.

Os textos dos colaboradores e colunistas se referem a pensamentos, posições e ideologias individuais dos próprios autores e não refletem necessariamente a posição da Revista Vale do Café.

MODA E COMPORTAMENTO 05

Por Juliana de Brito
Está aberta a temporada da moda!



TÚNEL DO TEMPO 08

Caetano Furquim, antiga Rua Bonita.

CAFÉ E SAÚDE 10

Infográfico do café!

INSURREIÇÃO 12

Por Luiz José Júnior
Uma insurreição que estremeceu o Império.



Foto da capa: Representação de Manuel Congo elaborada pelo artista Ubiratan Lima. A peça está disponível no acervo da Casa de Cultura Presidente Tancredo Neves.

PAPERSKY VISITA O VALE DO CAFÉ 17

Representantes da revista japonesa Papersky Magazine visita o Brasil.

QUILOMBO DE MANUEL CONGO 18

Por Simão Pedro
O cantar de liberdade a que memória alguma apagará.

CAFÉ E POESIA 19

O cantar de liberdade a que memória alguma apagará.

CAMINHANDO PELA VILA DE VASSOURAS 20

Por Sandra Cândido

RESENHA 20

Entrevista com Ricardo Sales sobre o Livro 'O Vale do Paraíba e o Império do Brasil'.



FAZENDAS DO CAFÉ 24

Por Juliana Henriques
A fazenda Santa Eufrásia.

TURISMO NO VALE DO CAFÉ 28

Por Juliana Henriques
A fazenda Santa Eufrásia.

CAFÉ CULTURAL 31

Devaneios com Sigmund e Freud por Yorhán Araújo.



FOTO: PRAÇA GETÚLIO VARGAS, PIRAI-RJ. POR ISABELA KASSOW (DIADORIM IDEIAS) - MAPA DE CULTURA RJ.

Uma ação que vem sendo implementada por aqui é o Tour da Experiência, desenvolvido e implementado de forma pioneira no Brasil a partir de 2006, em 08 Municípios da Região da Uva e do Vinho, no Rio Grande do Sul, através de uma parceria entre o Ministério do Turismo, Sebrae Nacional e outras instituições. Tem como referência as teorias defendidas por Rolf Jensen a partir do seu livro A Sociedade dos Sonhos (1999) e pelos autores Joseph Pine e James Gilmore, por meio da publicação Economia da Experiência (1999). Essa teoria destaca que o turista não quer mais ser um sujeito meramente contemplativo, mas sim o ator de sua própria experiência e, portanto, o protagonista de seus sonhos no destino que escolheu para sonhar.

No Vale do Café o projeto é uma iniciativa de empresários da região em parceria com o Sebrae e tem o nome "Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial". O objetivo é divulgar ao público das capitais e outras cidades da região o conceito e serviço que o Vale do Café pode proporcionar aos visitantes. Isso estimula a valorização das estratégias de ação e comunicação que pensam a região de forma integrada, priorizando o Vale do Café como destino e não um município somente. E fortalece a identidade da região. Os empresários têm entendido que é importante divulgar o Vale enquanto região e que o foco não deve ser somente os destinos onde estão inseridos. Todos ganham com isso.

FOTO: PRAÇA BARÃO DE CAMPO BELO, VASSOURAS-RJ. POR FELIPE FERNANDES



desenvolvimento do turismo no VALE DO CAFÉ

Autor José Luiz Júnior

O CENÁRIO DE CRISE que se apresentou em 2015 promete repetir a dose em 2016. E se as perspectivas são ruins de um modo geral, para o setor de turismo elas não são tão pessimistas assim. Por um lado a realização das olimpíadas no Brasil e a maior atratividade do país como destino devido ao câmbio. Em outra frente o avanço da legislação de turismo no Congresso Nacional. E pesando contrariamente nessa balança, a própria crise econômica e política e o aumento dos casos de zika vírus - irradiada para o mundo justamente a partir do Brasil - que já compromete a vinda de turistas estrangeiros para o país.

Mas se o momento inspira cuidados e se apresenta como desafio, oferece também oportunidades. Oportunidade inclusive de se reprogramar, de repensar, de se reposicionar, de refletir e de se reinventar. Segundo a professora de Economia da Fundação Getúlio Vargas, Virene Matesco, o turismo é importante em qualquer momento da economia brasileira, esteja o país em recessão ou em crescimento. Segunda ela, "o Turismo gera muitos empregos e ajuda a movimentar a economia que encontra-se estagnada. O câmbio perto de R\$ 4,00 também ajuda, tornando o destino mais atraente aos estrangeiros", afirma.

Com imenso potencial turístico e destinos com alto poder de atratividade, com foco nos segmentos de turismo cultural e histórico, turismo rural, eco turismo e turismo de aventuras, a região denominada Vale do Café vem se consolidando como importante destino turístico brasileiro.



JULIANA DE BRITO

Formada em Direito, pela UGB, Universidade Geraldo Di Biase, com MBA em Administração pela FGV, Fundação Getúlio Vargas, é designer de acessórios por vocação e colunista de moda por paixão ("Aquela metamorfose ambulante").

A COLUNA

Assim como a arte, a moda também é uma forma de expressão, por isso nossas roupas devem estar de acordo com a imagem que gostaríamos de transmitir e, acima de tudo, com a nossa personalidade. Na nossa coluna vamos falar sobre os destaques da moda na nossa região, as novas tendências, o que acontece no mundo da moda de uma forma geral, bem como, sobre o comportamento de consumo na moda contemporânea.

“
Mas foi com a simplicidade que Maria Antonieta causou escândalo em Paris
”

ESTÁ ABERTA A TEMPORADA DA

moda

EM TODA NOVA ESTAÇÃO surge uma nova tendência ou alguma outra é resgatada no tempo. Os estilistas atuais, através dos "coolhunters", buscam cada vez mais inspirações nas modas de rua, mas nunca deixam de olhar para o legado fashion que nos foi deixado pelos grandes pioneiros e pioneiras do mundo da moda. Dessa forma, dão nova interpretação a antigos formatos surgindo, assim, novos estilos.

O estilo, por sua vez, muitas vezes é relacionado a um período ou a um comportamento vivido em uma determinada época, como os hippies de 1970 ou as revolucionárias minissaías de 1960.

Para o "debut" da nossa coluna vamos voltar em um tempo mais remoto, em que as saias eram um pouco mais longas e estilo, em sua grande maioria, era obra prima de pequenas costureiras.



FOTO: MARIA ANTONIETA

Como uma das pioneiras do mundo fashion podemos citar Maria Antonieta. Nascida na Áustria e enviada para a França, em 1770, para casar com o príncipe, futuro rei Luís XVI, Maria Antonieta viveu durante o século XVIII e teve seu apogeu fashion assim que chegou à corte francesa. Dona dos vestidos de baile mais exuberantes e do "hairstyle" mais imponente, com perucas que atingiam até 1 metro de altura e podiam pesar até 8kg, Maria Antonieta usava a moda para se impor e ganhar credibilidade perante o Governo Real, por isso, teve grande destaque entre as mulheres e rainhas da época (use a moda a seu favor!).

Mas foi com a simplicidade que Maria Antonieta causou escândalo em Paris, quando escolheu um vestido chemise de musselina branca e um chapéu de palha, ao posar para a pintora Élisabeth Vigée Le Brun, em 1783. Em contraste a toda imponência dos vestidos volumosos, bordados, enriquecidos com babados e modelados por corselet, como eram usados pela alta sociedade da época, o vestido chemise de cintura alta, mais conhecido como modelo império, escolhido por Maria Antonieta, estava em sintonia com a nova fase da República e o período de colapso que a corte francesa enfrentaria. Entendido por muitos como ato de rebeldia, sua escolha contrastante com a extravagância da aristocracia da época, resgatou a influência neoclássica das roupas femininas usadas na Grécia Antiga e em Roma, e influenciou uma nova geração da moda francesa, onde romper com o passado e vestir-se com menos extravagância passou a ser considerado um ato patriótico, após a Revolução Francesa. Digamos que Maria Antonieta deu início à máxima "Menos é mais!"



FOTO: MARIA ANTONIETA

FOTO: CATEDRAL DE N. S. DA GLÓRIA - VALENÇA-RJ, POR ISABELA KASSOW (DIADORIM IDEIAS) - MAPA DE CULTURA RJ





FOTO: VESTIDO DE EUFRÁSIA - DISPONÍVEL NO MUSEU CASA DA HERA - VASSOURAS/RJ, POR JULIANA DE BRITO.

Na região Sul Fluminense, mas não menos atualizada na moda francesa, uma grande referência feminina do século XIX, andou por nossas ruas com seus vestidos e saias volumosas. Nascida em 1850 na cidade de Vassouras, herdeira de muitas riquezas e grande consumidora da Alta-Costura, Eufrásia Teixeira Leite foi uma mulher influente nos negócios financeiros e na moda brasileira da época. Senhora de grandes amores e belos vestidos, Eufrásia escolheu a França pra morar em 1873, um ano após o falecimento de seus pais e, foi assim, dentro do berço da moda, que Eufrásia conheceu o grande estilista da época Charles Frederick Worth.

Considerado o "Pai da Alta-Costura" e o pioneiro dos desfiles de moda, Worth começou sua vida no mundo da moda como costureiro e só passou ao título de estilista em 1855. Conhecido por seus vestidos ostensivamente caros e luxuosos, foi o primeiro estilista a usar seu nome como marca registrada em suas peças, fundou a Maison Worth, o primeiro estabelecimento de Alta-Costura, e, assim, transformou a moda em coleções sazonais, desfilando suas produções para suas clientes, ao invés de trabalhar para atender seus pedidos, como de costume na época com as pequenas costureiras. Dono de nove das peças que compõem o acervo de indumentárias de Eufrásia Teixeira Leite, Worth transformou a indústria caseira de ornamentação feminina da época, no império da moda que vivemos hoje (E viva as semanas de moda em Paris!).

"Quando encontro senhoras conscientes de que vestir é uma arte, sinto grande satisfação em tê-las como clientes."

CHARLES FREDERICK WORTH – HARPER'S BAZAAR
DEZEMBRO DE 1877.

Além de peças de Worth e outros estilistas, como Jacques Doucet e pequenas costureiras, o acervo de indumentárias de Eufrásia, hoje é formado por 48 peças, entre acessórios e roupas, que se encontram no Museu Chácara da Hera, residência da Eufrásia na cidade de Vassouras. Para manter a conservação das peças, (e para a minha tristeza, confesso que na minha visita ao Museu, para pesquisa da matéria, meu desejo maior era conhecer todo o guarda roupas de Eufrásia, e terminar a pesquisa com a pergunta: posso experimentar?), somente um dos vestidos de Eufrásia está em exposição no Museu e assim deve permanecer até o aniversário da Eufrásia no mês de abril. Não perca a oportunidade de visitar uma parte da história da nossa região e reviver a vida de uma mulher do séc. XIX que saiu do interior e conquistou um mundo de possibilidades, ultrapassando qualquer limite atribuído às mulheres da época!

GLOSSÁRIO FASHION

Coolhunters: caçadores de tendências; grupo de pessoas que se dedicam a perceber o comportamento das pessoas e antecipar tendências; responsáveis por ditar as novas regras da moda.

Debut: estréia.

Hairstyle: penteado.



FOTO: SAPATO DE EUFRÁSIA - DISPONÍVEL NO MUSEU CASA DA HERA - VASSOURAS/RJ



FOTO: ETIQUETA MAISON WORTH

SERVIÇO

VISITAS, TARIFA E PROGRAMAÇÃO PARA 2016

PLANTÃO HISTÓRICO, VISITAÇÃO:

Dia: Segundas-feiras
Hora: Às 10h
Preço: R\$35,00 por pessoa.
São servidos café, chá de capim limão e bolo.

VISITAÇÃO:

Dia: Agendado
Hora: Agendamento com 24h de antecedência.
Preço: R\$45,00 por pessoa; mínimo de 2 pessoas, máximo a combinar.
Visita aos jardins, cafezal, casa e um Lanche Imperial no final.

PIQUENIQUE:

Preço: R\$55,00 por pessoa; mínimo 15 pessoas, máximo a combinar.
Em mesas com cestos com guloseimas tais como sanduiches, bolos, biscoitos, rapadura, doce de leite, cana de açúcar, frutas, etc. Jogos de gramado como croquet, peteca, frescobol, etc.

MÚSICA NA FAZENDA:

Preço: R\$65,00 por pessoa; mínimo 15 pessoas, máximo 50.
No salão nobre onde há dois séculos se realizam saraus, acontecem programações de violão clássico com café, chá e bolo servido após a apresentação.

Todos os eventos tem a duração entre 1 e 2 horas.

Tel e SMS: 24-999-949494 ou 21-999-269619
Email: lisdolson@gmail.com ou fazsantaeufrasia@gmail.com
Endereço: BR 393, km 242

FOTO: FAZENDA SANTA EUFRÁSIA (WWW.FAZENDASANTAEUFRASIA.COM)





FOTO: FAZENDA SANTA EUFRÁSIA E ELISABETH DOLSON. POR JULIANA HENRIQUES.

PROPRIETÁRIOS E HISTÓRIA

Construída para ser utilizada para o plantio de café, pelo Comendador Ezequiel de Araújo Padilha, a Fazenda possuía uma plantação com cerca de 192 mil pés de café. Famoso por sua extravagância, Ezequiel chegou a importar gôndolas de Veneza, na Itália, para usufruir de passeios românticos no açude local. Em 1905 o bisavô de Elisabeth comprou a propriedade e, ao optar pela criação de gado e exportação de carne para a Europa, acabou queimando todo o café. Em 1928 a fazenda então é comprada novamente e dada de presente pelos avós de Elisabeth Dolson, nossa anfitriã nessa visita, à seus pais e em 1932 quem assume a direção é sua tia, Alzirinha. Elisabeth está à frente da Santa Eufrásia desde 2001.

MANUTENÇÃO E RESTAURO

Em 1970, o antigo Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, queria abrir uma rodovia que adentraria os terrenos da Fazenda. Então, a única maneira de impedir tal ação foi recorrer ao IPHAN que imediatamente interviu e impossibilitou as obras.

Atualmente, a Gaspetro também entrou em contato com a proprietária para passar por suas terras um gasoduto. Foi feito um acordo e enquanto a fazenda seria cortada em uma parte pelo gasoduto a Gaspetro se comprometeria a restaurar a propriedade. Elisabeth acredita que ainda no primeiro semestre desse ano as obras iniciem.

FOTO: FAZENDA SANTA EUFRÁSIA SÉCULO XIX.



REPÚBLICA DOS PAMPAS O MELHOR DA COMIDA CASEIRA GAÚCHA

Av. Otávio Gomes, 171, Centro - Vassouras/RJ
(24) 2471-1977

**JARDIM ESCOLA
ÍNDIO AMIGO**




**38 ANOS DE HISTÓRIA NA
EDUCAÇÃO DE VASSOURAS**



(24) **2471-2415**

FLUXUS
comunica

atelo VISA Mastercard
/agenciafluxus

**LETREIROS
CRIAÇÃO DE SITE
BANNERS E FAIXAS
PLOTAGEM DE VEÍCULOS
LOGOTIPO IDENTIDADE VISUAL
PLACAS DE SINALIZAÇÃO
BLOCOS E RECEITUÁRIOS
VITRINES CAMISAS
CARTÃO DE VISITA
BUSDOOR OUTDOOR
REDES SOCIAIS
LOJA VIRTUAL
ADESIVOS
FLYERS
CARTAZES
FOLDERS
CRACHÁS**

LIGUE, AGENDE UMA VISITA E PEÇA SEU ORÇAMENTO

Rua Barão de Vassouras, nº 19, Sala 19
Centro - Vassouras/RJ - Casario Shopping
24 2471-1244 comercial@fluxuscomunicacao.com.br

CAETANO FURQUIM



A rua Caetano Furquim, antiga Rua Bonita



Foto 1 - 1905

A seção Túnel do tempo traz de volta antigas fotos de lugares e paisagens demonstrando a profunda alteração ou não do espaço no tempo, ou trazendo à tona a memória de pessoas marcantes e significativas para as comunidades onde estão inseridas. Na estreia, um exemplo significativo da alteração da paisagem na principal rua do comércio de Vassouras, a rua Caetano Furquim, em três momentos diferentes.

Seis anos após a abolição, em 1905 (foto 1), ainda sem fios elétricos e carros, na foto de Elysio Pereira dos Passos que se encontra nos arquivos da Biblioteca Nacional. Na esquina da esquerda, a antiga Casa de Câmara e Cadeia, ainda com as grades nas janelas. A rua se chamava originalmente "Rua Bonita" e já era durante o império uma das principais ruas da cidade. Foi calçada pelo próprio Caetano Furquim, quando presidente da Câmara Municipal. A rua foi posteriormente batizada com seu nome.

É simbólica a denominação da rua diante do papel desempenhado por Caetano Furquim de Almeida no desenvolvimento do município registrado no período. Grande empreendedor de seu tempo, ele foi responsável pela vinda da primeira instituição bancária para a cidade e da pavimentação de muitas ruas entre as quais essa, que mais tarde levou seu nome.



A fazenda recebeu o nome de Santa Eufrásia em homenagem a santa turca, que nasceu em Constantinopla, em 380 d.c.

FOTO: FAZENDA SANTA EUFRÁSIA E ELISABETH DOLSON. POR JULIANA HENRIQUES.



FOTO: ELISABETH DOLSON. POR JULIANA HENRIQUES.

Elisabeth conta que atualmente foi retomado o plantio de café. "Ao todo são mais de 9 mil pés plantados e toda a colheita é direcionada à produção do pó de café artesanal e também dos licores que colocamos para degustação e venda aqui na fazenda", diz.

Caminhando pelos jardins da fazenda podemos notar o quão rica é a flora desse lugar. Elisabeth faz questão de apontar todas que vê e dizer seu nome, origem e como veio parar na fazenda. "Aqui tem um pouco de tudo: sapoti, jaca, vinhático, cedro, bengala, mangueiras, bouganville e o incomum café!", brinca. Beth, como gosta de ser chamada, conta ainda que originariamente a fazenda tinha apenas alguns pinheiros, "os fazendeiros não gostavam de muitas árvores, pois essas faziam muita sombra e atrapalhavam a secagem do café", explica a anfitriã.

Hoje, a Santa Eufrásia está aberta aos turistas e possui três programas: a visitação, o piquenique e a música na fazenda. Na visitação que dura entre uma hora e meia e duas horas, o turista passeia por dentro da casa, também em sua área externa, guiado pela anfitriã Elisabeth, onde curiosidades e histórias sobre o lugar são contadas por ela vestida à caráter. Ao fim do tour é servido um farto lanche em um dos salões da casa, com direito à broa com calda de limão, banana desidratada, geleias, biscoitos, café, chá, bombocado, doce de leite, cavaquinho, suspiros, queijos, rapadura para adoçar, sendo algumas dessas delícias feitas na própria fazenda. Já o piquenique, também conta com esse passeio dentro e fora do casarão, mas ao final é feito um grande piquenique no jardim, com tudo que se tem direito e jogos tradicionais, como craquelet (muito parecido com o críquete) e peteca! A 'música na fazenda' é realizada no salão nobre onde há dois séculos se realizavam saraus, acontecem programações de violão clássico com café, chá e bolo servido após o show.

Vale ressaltar que a Fazenda Santa Eufrásia participa do Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial, projeto com certificação do Sebrae, RJ, que conta com roteiros que revisitam o período do Brasil Império com base nos conceitos do turismo da experiência. É uma nova proposta de conhecer destinos, em que as atividades seguem uma mesma linha temática e os passeios buscam o envolvimento do visitante com a história, afluindo os sentidos e emoções para que a experiência e o conhecimento adquirido fiquem guardados na memória.

FAZENDA SANTA EUFRÁSIA

A história viva do período cafeeiro

Autora Juliana Henriques

Dentre as mais de vinte fazendas históricas do período áureo do café, a Santa Eufrásia é uma das mais belas e que resiste ao tempo esbanjando toda a beleza desse período e conservando as características marcantes da era cafeeira, tanto dentro do casarão quanto em seu encantador e majestoso jardim.

Situada na cidade de Vassouras, no Sul Fluminense, a fazenda teve sua construção iniciada em 1830, e é a única particular tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, IPHAN.

Quem nos recebe para uma agradável visita é Elisabeth Dolson. À frente da Santa Eufrásia desde 2001, ela atende a todos carinhosamente na porta do casarão. Vestida com trajes de meados do século XIX, guia os visitantes pelos cômodos fazendo com que eles mergulhem no passado e sintam a atmosfera daqueles tempos.

Toda a casa possui mobília original do período e peças raríssimas. Na sala principal, onde eram realizadas as festas e saraus, móveis em modelo Luís Felipe e um piano de 1805 da marca John Brody Wood dão um charme à mais. Em alguns quartos pode-se admirar belíssimos armários em madeira de Vinhático e camas, da mesma madeira, torneadas em colo de cisne.

O casarão abriga ainda diversos utensílios que caíram no desuso como uma espátula para cortar as folhas dos livros que na época vinham coladas uma a uma, sendo necessário rasgá-las cuidadosamente com esse objeto para que se pudesse ler. E um curioso fixador de manga, onde era possível degustar a fruta sem se sujar, bastava fixar o utensílio que mais lembra um saca-rolha, em sua semente, e girá-lo. Na sala de jantar a estonteante mesa com 22 lugares chama a atenção, além das peças de vestuário e cama que contabilizam mais de 100 anos. Essas e muitas outras curiosidades como adereços utilizados pelas sinhás, charretes, carruagens, objetos de uso doméstico e histórias podem ser descobertas na visita à fazenda.

FOTO: FAZENDA SANTA EUFRÁSIA ELISABETH E DOLSON. POR JULIANA HENRIQUES



Foto 2 - 1940

Em um segundo momento, nos anos 40 (foto 2), produzida por autor desconhecido, já com os primeiros sinais do progresso. Uma oficina mecânica, um estabelecimento representante de uma marca multinacional (Chevrolet), uma bomba de combustível, postes e fios de eletricidade dividindo a rua em duas partes. A rua era mais larga do que é hoje.

E enfim, a rua hoje - fotos 3 e 4 - ,no olhar de Juliana Henriques, com a paisagem já totalmente alterada. A fachada original já não existe mais. As lojas e prédios hoje existentes são construções novas. Muitos carros, muitos fios e postes.



Foto 3 - 2016



Foto 4 - 2016

lidades e controlavam a política de suas províncias, principalmente o Rio de Janeiro. Ainda que poucos tenham desempenhado funções no poder central, exerciam de fato, através de casamentos, alianças familiares e outras formas de influência, o poder. Nada disso teria acontecido sem a escravidão e sem os escravos. É esse "esquecimento" que a historiografia e os os brasileiros, nem por um momento, podem ter. Entre 1560 e 1850, quatro milhões de africanos escravizados foram trazidos para o Brasil (40% de todos os escravos africanos desembarcados para a América). Um milhão e meio desses escravos chegaram ao Brasil entre 1790 e 1850. Por volta de 1820, para assinalar uma data em que a implantação e expansão do café pelo Vale eram uma realidade, a região Sudeste como um todo passou a atrair mais da metade do tráfico. Em 1831, por pressão inglesa, o tráfico internacional foi abolido. Entretanto, residualmente, ele continuou acontecendo como contrabando. Até 1835, quando por pressão do Vale, esse contrabando foi escancarado, com o beneplácito do governo imperial. Os quinze anos entre essa data e 1850, quando foi efetivamente abolido, mais uma vez por pressão inglesa, representaram o auge do tráfico. Pouco mais de 700 mil africanos escravizados - 18% do total de escravos trazidos para o Brasil nos 270 anos anteriores - desembarcaram nas praias brasileiras. Quase 80% deles, ou cerca de 560 mil, vieram para o Sudeste. O principal sorvedouro desse contingente de gente - arrancado de suas terras, trazidos a força e colocados para plantar e colher café numa região que 30 anos antes era coberta por uma floresta tropical - foi o Vale do Paraíba. Assim, o Império foi o café, o café foi o Vale e o Vale foi o escravo. menos, uma herança que "teimou" em resistir à modernização; ela foi o esteio da modernização nos Estados Unidos, Brasil e Cuba.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Há quanto tempo existe o grupo de pesquisa? Como foi formado?

RICARDO SALLES: Formamos o grupo em setembro de 2010, em uma reunião em Vassouras. Estavam presentes historiadores do Rio, Vassouras, Valença, Niterói e São Paulo, pertencentes a diversas instituições de ensino e pesquisa, que estudavam o Vale.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Qual a importância destes estudos para a historiografia e para a compreensão do Vale do Café?

RICARDO SALLES: Um ponto importante do grupo é que sempre quisemos escapar de "amarras" típicas de vida acadêmica de hoje. A principal delas é buscar integrar os estudos acadêmicos dos centros "mais consagrados", como a UFF, a USP e a UNIRIO, instituições públicas federais e estaduais, com os estudos de acadêmicos de instituições acadêmicas "menos consagradas", como a USS e a FAA, por exemplo. Mais importante, além de não reconhecermos essa falsa hierarquia de consagração acadêmica, achamos fundamental incorporar os estudos e estudiosos não acadêmicos, na sua maioria historiadores e pesquisas locais. Da mesma maneira, participam do grupo historiadores não acadêmicos, estudantes, bacharéis e licenciados, mestrands, doutorands, mestres e doutores. Romper essas barreiras, e ainda há muito que fazer nessa direção, é fundamental para voltar a trazer o Vale para o mapa da História do Brasil.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Por que a sua opção pela História?

RICARDO SALLES: Foi uma opção em duas etapas da minha vida. A primeira, no final da década de 1960, quando cursava o científico para me preparar para o vestibular de Medicina, optei por fazer o curso de História, que era um assunto que, cada vez mais, me encantava. Entrei no curso de História da PUC-Rio em 1971, mas não concluí. Me envolvi muito com política ao longo da década e, depois, a vida tomou outros rumos profissionais. Voltei para a História, como amador, no final dos anos 1980, quando acabei me dedicando a um estudo sobre a Guerra do Paraguai. A partir daí voltar para a vida acadêmica tornou-se um desejo cada vez mais forte, mas difícil de realizar devido às circunstâncias da vida profissional e pessoal. Só consegui em 1995 (a segunda e definitiva opção) e aqui estou.

REVISTA VALE DO CAFÉ: E por que a opção pelo Vale do Paraíba/Vale do Café?

RICARDO SALLES: Foi bem "por acaso". Depois da Guerra do Paraguai, realizei um estudo amplo sobre o Segundo Reinado e, já de volta à academia, escrevi uma tese de doutorado sobre Joaquim Nabuco. Fui contratado pela Fundação Rosemar Pimentel - FERP, de Volta Redonda, para desenvolver um projeto de pesquisa em História. Pensei na escravidão, um velho interesse, e o Vale do Café no século XIX. Fui me envolvendo cada vez mais.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Qual o olhar do historiador sobre o Vale hoje?

RICARDO SALLES: A importância do Vale, do café, do que poderíamos chamar da "grande escravidão", dos grandes temas de história econômica e social esteve relegada a um segundo plano, nos últimos 30 anos, devido ao predomínio dos temas "micro" e do aporte antropológico e cultural na historiografia. É hora de equilibrar as coisas. Resgatar o Vale, o café, o Império, o tempo em que o Rio de Janeiro era o centro econômico da nação, etc. também tem uma função atual, do ponto de vista da memória e do turismo. E sem perder, nem por um momento, que tudo isso foi feito pelo braço e pela cultura negra e africana.



Título: O Vale Do Paraíba e o Império do Brasil - Nos Quadros da Segunda Escravidão
Organizadores: Mariana Muaze, Ricardo Salles
ISBN: 9788542103687 **Editora:** 7Letras
Encadernação: Brochura **Páginas:** 576
Ano de edição: 2015 **Edição:** 1ª

Resenha

Desvendando o Vale do Paraíba, do Café... e do Escravo

Já há algum tempo, o historiador Ricardo Salles se debruça sobre o Vale do Café com um olhar atencioso e acurado. Doutor em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com uma tese premiada sobre o abolicionista Joaquim Nabuco, ele é professor na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e pesquisador entre outras áreas da história política do Império do Brasil, do Vale do Paraíba, e da Escravidão no século XIX. É autor de trabalhos fundamentais à compreensão da História do Brasil como Guerra do Paraguai: Escravidão e cidadania na formação do Exército (Paz e Terra, 1990), O Império do Brasil no contexto do século XIX (Almanack, 2012), Nostalgia Imperial. Escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado, (Ponteio, 2013) e o sólido e impecável E o Vale era o escravo. Vassouras, século XIX: senhores e escravos no Coração do Império. (Civilização Brasileira, 2008).

Ricardo coordena agora junto com Mariana Muaze, também professora da UNIRIO, a compilação O Vale do Paraíba e o império do Brasil nos quadros da segunda escravidão (7Letras), que integra trabalhos dos componentes do grupo de pesquisa intitulado "O Vale do Paraíba e a Segunda Escravidão" onde se estuda a política do império brasileiro, sociedade escravista e economia cafeeira. Um time de primeira foi escalado para fazer parte da coletânea. São contribuições de especialistas na Escravidão, no Vale do Café e no segundo reinado brasileiro. O trabalho conta com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Ricardo gentilmente conversou com a REVISTA VALE DO CAFÉ e falou não só sobre o livro, mas de seu trabalho como historiador de um modo geral.

REVISTA VALE DO CAFÉ: o que foi a Segunda Escravidão?

RICARDO SALLES: Bem sinteticamente, a ideia de uma segunda escravidão foi formulada pelo historiador norte-americano Dale Tomich. É fato conhecido que, na virada dos séculos XVIII para o XIX, a escravidão colonial na América estava sendo contestada pelo movimento abolicionista internacional e mesmo abolida, por revolução dos próprios escravos, como no Haiti, ou por medidas tomadas a partir das elites dirigentes dos Estados nacionais americanos, normalmente respondendo a ou temendo pressões dos próprios escravos. Nesse contexto, tem sido um lugar comum historiográfico salientar a incompatibilidade entre a escravidão negra e africana, instituição dos tempos coloniais, e os "novos tempos", marcados pelo advento do capitalismo em escala internacional, liberalismo e formação dos novos Estados nacionais. Ocorre que, no Sul dos Estados Unidos, no Brasil e em Cuba, que permaneceu como uma colônia espanhola, ainda que em novas bases, a escravidão não só não foi abolida como se desenvolveu em uma escala e com uma força nunca experimentadas anteriormente. Ou seja, nesses espaços, o mesmo momento que assistiu a abolição da escravidão colonial assistiu também a reorganização de uma segunda escravidão. Uma escravidão que se alimentou exatamente do desenvolvimento do capitalismo, do liberalismo e do processo de formação dos Estados nacionais. A segunda escravidão não foi somente uma herança colonial e, muito menos, uma herança que "teimou" em resistir à modernização; ela foi o esteio da modernização nos Estados Unidos, Brasil e Cuba.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Como era o Brasil deste recorte?

RICARDO SALLES: As especificidades brasileiras são várias. Aqui, como coloquei em meu livro E o Vale era o escravo, a escravidão foi uma instituição inteiramente nacional: não só a região cafeeira do Vale, ou os polos açucareiros e algodoeiros desenvolveram a escravidão oitocentista, todas regiões e atividades, em menor escala, é verdade, mantiveram-se, pelo menos até a década de 1860, escravistas. Em Cuba, a escravidão foi dependente da manutenção do regime colonial; nos Estados Unidos, ainda tenha sido, até a década de 1850, a principal força econômica e política da nação, a escravidão restringiu-se aos estados do Sul. No Brasil, Estado nacional, e isso quer dizer monarquia, império (esta a segunda especificidade) estava em simbiose com a escravidão. Não haveria unidade nacional, monarquia, Dom Pedro II, etc. sem escravidão. Ou colocando de uma maneira mais precisa: ninguém sabe se poderia haver ou não tudo isso sem escravidão. O fato é que foi assim e não devemos, por rigor historiográfico e também por opção moral, esquecer disso por um só instante! As narrativas que, intencionalmente ou não silenciam sobre essa conexão umbilical - entre escravidão e Império, e por tabela, nação - são parciais.

REVISTA VALE DO CAFÉ: O que o Vale do Paraíba (Vale do Café) representou neste contexto?

RICARDO SALLES: "O Brasil - em outras versões, o Império - é o café, e o café é o Vale". Esse era um dito do século XIX. Cerca da metade das exportações brasileiras, que eram a principal fonte de riqueza nacional, dependiam do café. E esse café vinha da região que o geógrafo Orlando Valverde, na década de 1960, chamou de Bacia do Paraíba do Sul (o atual estado do Rio de Janeiro, o Vale do Paraíba paulista, a Zona da Mata mineira e o Sul do Espírito Santo). Até fins da década de 1860, pelo menos 80% desse café era proveniente do Vale do Paraíba. Entre 1840 e 1880, a classe dos grandes proprietários escravistas do Vale se constituiu na classe dos grandes proprietários escravistas do Vale se constituiu na classe dominante do Império. Eles eram o segmento social mais rico, que possuía o maior número de títulos de nobreza, que era socialmente o mais prestigiado do Império. Exerciam imenso poder em suas loca-

CAMINHANDO PELA VILA DE VASSOURAS

Ao se pensar Vassouras poeticamente, não se pode deixar de citar seu luxuoso casario, a circundar suas mais importantes praças: A Eufrásia Teixeira Leite, com seus caramanchões dando passagem para quem entra na Casa da Câmara. Logo a seguir a Barão de Campo Belo, a mais linda e suntuosa de todas as praças, com seu correto de pedra, dando para o laguinho de peixes. E no meio de todo o luxuriante verde e o tremular das palmeiras como um divisor o grandioso chafariz, ostentando sua potência. A potência de uma cidade!

E lá no alto da praça como um feixe a irradiar luz! A Igreja Matriz de Nossa Sr^a. da Conceição de Vassouras, que mesmo tendo nascido posteriormente a cidade, a ela cedeu seu nome e sua proteção, tornando-se Padroeira, nem sempre santificada em suas ações anteriores.

Passando a Igreja Matriz, chega-se a Praça Sebastião de Lacerda, onde outrora o pessoal da terceira idade que viviam no Asilo, todas as manhãs tomavam banho de sol, relembando os tempos antigos, quando Vassouras era uma prospera cidade, com cinema e teatro. Do teatro hoje somente um muro, moderno, que em nada remete o teatro que antes ali havia.

Finalmente a Praça Cristóvão Corrêa e Castro, primo amado de Eufrásia, pracinha bucólica, sendo o caminho do cemitério, dos bancos mais nada resta, somente lembranças fotográficas. Aliás praça essa que quase ninguém sabe o nome.

E cercando toda essa extensão de ruas e praças, encontra-se o casario tombado, formado pela casa das quatorze janelas azuis. Pela casa onde funcionou uma pizzaria, que fez nossa imaginação de recém-chegados pensar no que haveria naquele casarão onde o entra e sai era grande. Descendo a praça serpenteando a Igreja Matriz o Casarão onde funciona o Marketing da Universidade e adiante encontramos a Casa de Cultura, palco de muitas histórias, e tantas outras com histórias para contar. E não para por aí! Ao se andar além da Praça chegar-se-á a rua da Pedreira, antigo Pelourinho, onde hoje se vê parte do patrimônio moderno de nossa cidade, o Memorial Manoel Congo, o Grande herói da resistência Negra vassourense. E percorrendo os caminhos vai se vai apreciando como em um calidoscópio a história acontecendo.

Tendo clima Tropical de Altitude e quando se lança o olhar ao longe ainda se pode apreciar o azul escuro de suas matas. Sendo um dos indicadores para a fertilidade do solo, levando atividade agrícola diversificada o que levou a prosperidade econômica, quando se descobriu a fertilidade das terras para cafezais e terras para canaviais ou engenhos de café e engenhos de cana. E Vassouras, incrustada na zona de serra acima, como a denominavam os primeiros exploradores se tornou um grande sítio apropriado para a plantação da rubiácea, levando alguns poucos a grande riqueza. E a criação de grandes propriedades as famosas fazendas, onde ao se lançar o olhar ao longe só se via pés de café.

A região foi se formando a medida em que se avançava Sertão adentro em busca do ouro das minas gerais. Foram se formando pousos de tropeiros e/ou arraiais de pouca monta. Por relatos de antigos viajantes se sabe ter havido índios na Região, sendo os mesmos numerosos e temidos, classificados como Puris e Coroados, mas o que não se comprova terem sido somente esses, pois havia sim uma grande diversidade de Nações Indígenas

habitando ou percorrendo a região, principalmente os vindos do Rio de Janeiro fugidos das invasões francesas.

Por todo o correr do ano de 1700, os caminhos da Serra do Mar eram percorridos de forma sistemática pelas denominadas Entradas, chanceladas pela Corte Portuguesa e pelos Bandeirantes, além dos poucos aventureiros que subiam a Serra sozinhos em busca da riqueza, que viria da terra. Esses primeiros povoadores nem sempre possuíam a propriedade da terra, por eles ocupadas. A primeira Sesmaria que se tem notícia de ter sido doada é a do Alferes Francisco Tavares em Paty do Alferes. Outras foram dadas como as de Marcos da Costa da Fonseca Castelo Branco, Francisco Gomes Ribeiro – “O Moço”, uma a Maria Baptista de Jesus. Algumas no perímetro que posteriormente formou a Vila de Vassouras, que nasce de dois núcleos no caminho Pau Grande e outro mais ao Sul em Paty. E caminhando se vê que o bandeirante responsável pela abertura do caminho em terras que deram origem ao lugarejo que passou a ser denominado de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, foi Garcia Rodrigues Paes, paulista, filho do também bandeirante Fernão Dias Paes, o “Caçador de Esmeraldas”.

As três primeiras Sesmarias de Vassouras, que permitiram o surgimento do Núcleo Administrativo da localidade foram doadas segundo Ignácio Raposo:

“Os primeiros povoadores de Vassouras foram José Ignácio Corrêa Tavares, Luís Homem de Azevedo, Pedro Gomes Leal e Francisco Rodrigues da Silva, os quais em 1782 a 1787 entraram para os vastos sertões que então se estendiam até o rio Preto, divisa desta com a província de Minas, (...) o primeiro no local onde hoje é a fazenda do Barão do Tinguá, o segundo no sítio hoje chamado “Madruga”, a um quarto de légua de distância da Vila para o lado N.E., o terceiro no lugar chamado “Mato Dentro”, onde hoje (1852) mora seu filho José Gomes da Assunção, e o quarto no lugar chamado engenho do “: José Corrêa”, onde mora Manoel de Menezes, pouco distante do “Madruga”.

Com o crescimento da região e o pouco desenvolvimento que apresentava Paty do Alferes a Cabeça de Vila da Região, onde o lugar das Vassouras fazia parte, levou a que seus Vereadores e sabedores da vontade da Corte Portuguesa realizar algumas modificações político – administrativas, a lutarem para que Vassouras se tornasse Vila, o centro administrativo e político local. O que ocorre em 15 de janeiro de 1833, e com isso Paty do Alferes passa ser Distrito da então recém-criada Vila. E o fato se deu logo após a independência, justamente quando o Brasil vivia a Primeira Regência Trina, um período que para Manoel Maurício de Albuquerque vivíamos o “desenvolvimento da burguesia”, e foram os homens nascidos ou chegados ao Brasil quando este passava pelo processo de transição de colônia para país independente, transformando-se segundo Manoel Maurício em um “Estado - Nação”. Em 1857 a Vila é elevada a cidade, ainda mantendo seu esplendor e grande crescimento econômico.

Caminhar pela História é buscar não fazer “tabula rasa” de nosso passado, ao se viajar ao passado se pode perceber que ele está impregnado em nosso presente e o estará em nosso futuro.

Sandra Cândido

INSURREIÇÃO: PÓLVORA E LIBERDADE

AUTOR JOSÉ LUIZ JÚNIOR

“(...) O vento da minha história tem cheiro de pólvora e gosto de liberdade”, diz o Velho Caxambuzeiro, personagem central do Auto do Manuel Kongo (com “K” mesmo) na cena em que começa a narrar a saga de mais de uma centena de escravos que se atreveram a romper as correntes do regime escravocrata no coração do império brasileiro. O Auto é um gênero teatral surgido na Idade Média, de vertente dramática, comumente representando anjos, santos ou demônios. Um clássico brasileiro desse gênero é o Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna (1955), adaptado para o cinema no ano 2000. O do Manuel Kongo foi idealizado e escrito em 1995 pelo músico e pesquisador carioca Espírito Santo, 68 anos, para ser encenado de preferência no Vale do Café. Ele conta a história da maior rebelião de escravos do Rio de Janeiro no século XIX, liderada pelos negros Epifânio Moçambique, Manuel Congo, Mariana Crioula, João Angola e que contou ainda com outras cabeças pensantes. Uma fuga épica, digna de livros, teatro, televisão e cinema.



UMA INSURREIÇÃO QUE ESTREMECEU O IMPÉRIO

A história da fuga de centenas de escravos no coração do Vale do Café

A HISTÓRIA DA FUGA COMEÇOU em parte com a morte do escravo Camilo Sapateiro, nas terras do capitão-mor de ordenanças Manuel Francisco Xavier em Paty do Alferes. Manuel Francisco era um rico senhor de terras, proprietário de pelo menos três grandes Fazendas, a Maravilha, a Freguesia e a Santa Tereza. Era inimigo político de outras grandes famílias à época. Camilo foi executado por outro escravo, Jaques Crioulo, feitor do capitão-mor, que nada fez para punir o autor do crime e sequer comunicou o ocorrido às autoridades. Esse fato, segundo estudiosos e pesquisadores, foi o estopim para a fuga em massa que ocorreria menos de dois meses depois.

Em parte porque segundo Spirito Santo, baseando-se em Ignácio Raposo, um autor fundamental para a compreensão da história do Vale do Café, e fontes angolanas diversas, "a fuga não foi a insurreição. Foi precipitada pelo incidente da morte de Camilo que ia levar algum informe ao grupo da outra fazenda, a Maravilha". Spirito é autor da tese de que a insurreição foi detalhadamente planejada anos antes e tinha propósito claro e organização. "A insurreição tinha inspiração ideológica antoniana, começou a ser planejada em 1833/34 como uma seita, ou seja, estava ligada a uma antiga linha religiosa afro católica, com inspiração em Santo Antônio, fundada em Angola no fim do século XVII, início do século XVIII por uma mulher nobre do reino do Kongo chamada Kimpa Vita, morta pela inquisição entre 1704 e 1706", afirma ele. Em seu "História de Vassouras" Ignácio Raposo, fala de um movimento chamado "Elbanda" desbaratado pela polícia em 1834, e que poderia ser perfeitamente o embrião da ressurreição de 1838. De acordo com Spirito, Palmares por exemplo, seguia no fim do século 17 a mesma inspiração.



IMAGEM: "FUGA DE ESCRAVOS", ÓLEO SOBRE TELA POR FRANÇOIS AUGUSTE BIARD (1859)

A FUGA

"O escravo é o inimigo inconciliável, a adição de mais algumas libras de pólvora ao paiol prestes a fazer explosão"

Trecho de manual que se dispunha a ensinar o senhor a cuidar da sua terra e de seus escravos

Na noite de 6 de novembro de 1838, liderados pelo escravo ferreiro Manuel Congo (que viraria mártir da insurreição), cerca de 80 escravos pertencentes ao capitão-mor Manoel Francisco Xavier, fugiram da Fazenda Freguesia em Paty do Alferes. Após um dia de caminhada chegaram na Fazenda de morada do capitão, a Maravilha. Lá se encontraram com mais escravos e tentaram matar o feitor Zeferino, negro traidor, que escapou por pouco fugindo pelo telhado. Na Fazenda Maravilha, saquearam mantimentos, ferramentas e arregimentaram mais escravos. De lá seguiram já em mais de uma centena, rumo à mata para se encontrar com outros escravos liderados pelo feitor do sítio

dos Encantos, Epifânio Moçambique.

Alan de Carvalho Souza, Investigador Doutorando da Universidade de Lisboa, Bolsista Capes, afirma que "os escravos fugidos seguiram em direção às serras da Taquara e da Estrela e a serra do Couto, momento em que o grupo se dividiu, uma parte seguindo em sentido à Taquara e Estrela e o restante seguindo para a serra do Couto." Homens, mulheres, velhos e crianças em busca de liberdade. Pretendiam construir uma comunidade quilombola, ou conforme as palavras do próprio Manuel Congo, ir para um lugar onde jamais haviam (sic) de ver seu senhor.

Café e Brasil

Edison Nequete e Mané do Café

Naveguemos em mar de descoberta.
Atenção, atenção, ó, gente esperta:
Como é que o café chegou ao Brasil
E, aqui, no escudo, floresceu perfil?
O café, que nos dá grande colheita,
Quem o trouxe para cá foi o Palheta
Que fora, em busca dele na Guiana,
Um pouco mais além da Taprobana.
Ora, foi que se deu há muito tempo,
No tempo em que o café, em contratempo,
Sofria, prisioneira, na Caiena
Ao vice-rei do Brasil dava pena
Ver inocente, da cabeça aos pés,
Ser forçado a viver entre galés.
Então, ele deu ordem ao Palheta:
Vá, capitão, percorra este planeta.
Inspirado por Deus, não perca a fé
Detrazer-nos sementes de café.
Vá libertá-las da prisão infame.
Procure comover certa madame.
Foi Palheta, cruzou mata cerrada,
À força de facão, abriu picada.
Na Guiana Francesa, que surpresa!
Encontrou, finalmente, sua presa.
Será que houve segredo de gaveta
Entre a gentil senhora e Palheta?
Ela, tem troca de belos madrigais,
Cedeu sementes de seus cafezais?
Não ficou registrado na imprensa
Se Palheta pediu ou não licença
Para colher frutinhas no quintal
Onde tinham prendido o cafezal.
Há duas versões muito controversas...
Uma que malícia, nas conversas,
Ter havido entre Palheta e madame
D'Orvilliers um amável liame.
Ela era mulher do governador...
Não falta nunca algum difamador
Fazendo do fato bem inocente
Matéria de calúnia maldizente.
O fato é que, Palheta, cinquentão,
Trouxe muitas sementes, um montão!
Ha outras versões da feliz chegada
Do café, nesta pátria bem amada.
Mas o café é poeta, seu doutor.
Não o tornes severo historiador.
Aqui chegou e se cobriu de flor:
Café-Brasil história de um amor.

Do livro Cafeopeia - A grande aventura do Café - Editora Sapere, 2013.



QUILOMBO DE MANUEL CONGO

O CANTAR DE LIBERDADE A QUE MEMÓRIA ALGUMA APAGARÁ

SIMÃO PEDRO

Doutor em Letras Vernáculas

(Literatura Brasileira).

Professor de Literatura

Brasileira na Universidade

Severino Sombra - USS -

Vassouras - RJ.

Professor de Literatura

Brasileira no Centro de

Ensino Integrado - CEI -

Barra do Pirai - RJ.

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro! [...]

E o teu riso, e a tua virgindade e os teus medos e a tua bondade

mudariam a alma branca cansada de todas as ferocidades!

(Olá! Negro – Jorge de Lima, de Poemas Negros)

Uma das mais tocantes crônicas da escravidão brasileira ocorreu no sul fluminense, especificamente, na chamada região de Vassouras, na primeira metade do século XIX. Tivemos, a exemplo do Nordeste brasileiro do século XVII, o Zumbi que, como seu irmão de Palmares, desafiou os poderosos senhores de sua época. Enfrentou-os, sacudiu os chamados baluartes das forças econômicas e políticas locais, sem medo, sem covardia, sem se entregar, sem vacilar.

Manuel Congo é sinônimo de resistência e enfrentamento quando lidera, junto a seus irmãos, não o grito da vingança, alegação de alguns, mas dos injustiçados. Quando há a necessidade da luta por justiça, quando há o clamor para que esta ocorra, só se pode cogitar da ansia por liberdade, por quebra de correntes, por arrebatamento de cadeias. A vingança pela vingança não persiste no tempo, na memória, na história.

Evidentemente, nesse país de casas grandes as senzalas eram tolhidas do grito, do manifesto, da contestação, e quando o faziam, as chibatadas serpenteavam no arem repreensão para servir de exemplo, argumento então corrente, com o fim de que atitudes semelhantes não fossem copiadas nem repetidas.

Manuel Congo não temeu a certeza do açoite e, quiçá, da morte, - que veio - e lutou com, e pelos seus, em renhida batalha nos sertões da Vassouras dos primeiros trinta anos do oitocentos. A revolta a que liderou se deu quando em novembro de 1838, um capataz do capitão-mor Manoel Francisco Xavier matou a tiros um escravo deste. Enfrentar o assassino, sem sucesso, a Guarda Nacional local, - sob o comando de Laureano Correia e Castro e do major Lourenço Luís de Athayde -, entre outros poderosos de seu tempo, não representava tarefa das mais fáceis.

A Serra de Santa Catarina foi, indubitavelmente, o símbolo maior da resistência dos aquilombados das terras sul fluminenses. Suas estratégias para atrair e combater o inimigo, seus senhores, e aqueles ao seu serviço, como a Guarda Nacional, redundaram na certeza, por seu poder de fogo, ou pelo tinar de seus facões e foices de que poderiam sair vitoriosos: debandada, mortes, abandono de armas, declínio, a princípio, das tropas de Correia e Castro e Athayde. Dos negros, a segurança de que sairiam para a liberdade. Sonhos!

Não lembraram ou não sabiam os quilombolas da Vila de Vassouras, segundo fragmentos de narrativa popular, lendária, e por isso, sem comprovação histórica, da existência do já truculento e impiedoso Luiz Alves de Lima e Silva. Aquele a quem, anos mais tarde, deu-se o nobiliárquico título de duque de Caxias. Reconhecimento por serviços prestados ao Império. Luiz Alves de Lima e Silva não perdoou os revoltosos. Ao Quilombo de Santa Catarina restou a honra da resistência, da luta e do não entregar-se, com saldo, embora, da morte de homens feitos, mulheres, velhos e crianças. Luiz Alves não se eximiu de seguir as orientações do comando do Exército Imperial: não houve reféns nem negociação.

Justino Benguela, Antônio Magro, Pedro Dias, Belarmino, Miguel Crioulo, Canuto Moçambique e Afonso Angola, alçados, como Manuel Congo, ao patamar de lideranças do levante, sofreram a pena, cada um, de 650 chibatadas, distribuídas em um período de dez dias, além da condenação à marcação a ferro, o que soava como impiedoso castigo e desonra.

Manoel Congo, capturado, tinha de ser mantido vivo para julgamento, sob o famigerado pretexto de que serviria como modelo a não ser seguido pelos demais escravos. A crônica local reza que, do dia 22 de janeiro de 1839, ironicamente na Praça da Concórdia, diante da Igreja Matriz da Vila de Vassouras, até o dia 31 do mesmo janeiro, julgou-se a causa de Manuel Congo. Foi juiz Inácio Pinheiro de Souza Verneck, cuja ponderação culminou pena capital. Morte por enforcamento e insepulta.

No Largo da Força, em 6 de setembro de 1839, cumpria-se a sentença.

Nos anais da história de todo o sul fluminense a partir de então, ficou a marca da coragem de Manuel Congo ao preferir a morte à escravidão, se não fosse fadado àquela em seu veredito. Em apenas 49 de existência deu esse homem provas de que não morreu, pois sua memória perdura e perdurará, e o servir de exemplo, proposta dos senhores de então para configurar o grande flagelo aos quilombolas dessas terras, foi tiro que saiu pela culatra: Manuel Congo e seus irmãos são exemplares até aos nossos dias. E não iremos esquecê-los.

Não fossem os remanescentes casarões, as placas de rua e os perdidos logradouros locais não se saberia de Laureano Correia e Castro nem de Lourenço Luís de Athayde nem de Inácio Pinheiro de Souza Verneck nem de Manoel Francisco Xavier... Aliás, quem foram Lourenço Luiz de Athayde e Manoel Francisco Xavier?

Por ventura, nomes como Caxias e tantos outros, foram elevados à categoria de heróis por uma elite que sempre gritou, quererá gritar e que não aceita o grito daqueles não se lhes dobram aos pés.

Zumbi, Manuel Congo, Justino Benguela, Pedro Dias e outros vivem, porque uma grande memória os consagrou e lhes prestará reverência. O Panteão a esses heróis não se faz de cimento armado. Sua construção se dá pela memória. No povo. E isto o tempo não destrói nem torna em ruínas.

MANUEL CONGO: O MÁRTIR DA INSURREIÇÃO

"Procurado se era verdade que elle réo no dia seguinte sahira para fora e viera buscar Epifânio, respondeu que não, mas que era verdade que o Epifânio chegara, e contara a gente toda, e depois mandando-a buscar comes em caça e que elle se levava para hum lugar aonde nunca mais havião de ver seo Senhor" (Do interrogatório judicial de Manoel Congo, na Vila de Vassouras, em 31 de janeiro de 1839).

É quase consenso entre os estudiosos que houve um direcionamento na investigação para a condenação somente dos escravos pertencentes ao capitão-mor Manuel Francisco Xavier. Isso, porque havia uma disputa política envolvendo as famílias Xavier, Ribeiro de Avelar e Werneck pelo controle político/administrativo na antiga vila de Paty do Alferes. O estranhamento entre as famílias Xavier e Werneck era anterior ao acontecido. A família Werneck tinha o monopólio dos cargos mais importantes no âmbito local e é claro que não perderiam a oportunidade de fustigar Manuel Francisco Xavier. As funções de juiz de paz, chefe da Guarda Nacional e juiz de direito eram ocupados por membros da família Werneck.

"A função de juiz de paz era exercida por José Pinheiro de Souza Werneck, primo de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, então chefe da Guarda Nacional. E, por fim, Ignácio Pinheiro de Sousa Werneck exercia o cargo de juiz de direito interino. Como as famílias Xavier e Werneck já se apresentavam em lados opostos desde a fundação da vila de Paty do Alferes, em 1820, houve a utilização dos processos oriundos da fuga para subjugar um antigo desafeto", afirma Alan Carvalho.

Manuel Congo foi sem dúvida um dos líderes da fuga e da insurreição. E foi sem dúvida também o homem escolhido para pagar a pena por todos os outros. Se sua condenação se deu por querelas políticas e disputas de poder entre famílias rivais da época ou porque de fato realmente tenha sido um dos cabeças do levante, o fato é que Manuel Congo foi feito mártir. E virou herói.

Um Memorial foi construído em sua homenagem em Vassouras, na localidade conhecida como Pedreira, no governo do prefeito Renato Ibrahim na década de 90.

Há alguma controvérsia sobre a existência de fato de um quilombo construído por esse grupo de escravos, e a confusão maior é sobre a definição de quilombo. Um dos trabalhos que investigou essa hipótese e que serviu de base para muitos outros é *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX*, de Flávio dos Santos Gomes. Flávio dedica um longo capítulo sobre a insurreição de 1838 em Vassouras/Paty do Alferes. Este trabalho é considerado por alguns como o melhor já realizado sobre a insurreição. Nele o autor apresenta novas informações sobre o caso, examina os fatos que antecederam a fuga e fala da tentativa de construção de um quilombo.

E ainda assim ele acredita que é necessário mais investigação, embora não tenha dúvidas de que um dos objetivos da fuga era um quilombo, chamando a atenção para a lógica inversa do caso de Vassouras/Paty do Alferes. "É o único exemplo de uma revolta escrava no Brasil, na qual os escravos fogem para constituir um quilombo. Em outras partes do Brasil as evidências eram sempre ao contrário, qual seja, a existência de um quilombo e as razzias, que eram os ataques as fazendas. Nesse caso temos uma revolta e a imediata fuga, coletiva, quase monumental com dezenas e dezenas de africanos levando bagagens, acampando em várias etapas no caminho, divididos em dois grandes grupos etc".

E O EPIFÂNIO, QUE FIM LEVOU?

Causa um certo estranhamento uma figura citada em vários dos depoimentos dos escravos fugidos. Um tal de Epifânio, nação Moçambique, que segundo os depoimentos agiu em conjunto com Manuel Congo e muitas vezes é referido como um líder, alguém que estava no comando daquela empreitada - que de certa forma, foi bem sucedida - sequer foi interrogado. Quem é essa figura histórica? Que fim levou?

Para Spirito Santo, Epifânio Moçambique foi morto em combate. Ele diz que a morte de Epifânio está omissa no livro de Pinaud, pois nele se reproduz um documento (relatório) que afirma que "foi morto o vice rei da insurreição". "Se a Epifânio é atribuída a função de vice rei e o vice rei, segundo o documento morreu em combate...lógico está que Epifânio morreu", argumenta Spirito. Já para Alan Carvalho, não se tem conhecimento do que ocorreu com ele depois da fuga. O fato é que somente os escravos do capitão-mor Manuel Francisco Xavier, foram condenados.

Mas a questão mais instigante para esse autor está na dimensão messiânica/milenarista da revolta, ideia compartilhada por Spirito Santo. "Certamente poderia ter uma dimensão ritual ali, com a imagem de "pai" para Manoel Congo, sua ocupação de ferreiro e tudo mais. As relações entre senzala e casa-grande ainda merecem mais análises, pois os crioulos não estavam de fora do evento. Sem falar que houve o uso das expressões "rei" e "rainha". A conexão de africanos de várias origens capitaneando a revolta também merece reflexão. O momento da revolta é único – período do tráfico ilegal – e seria fantástico conectar esta revolta e seus significados com uma perspectiva mais atlântica e africana, por exemplo, com africanos de origem das áreas do Congo Norte", afirma Flávio.

O CONFRONTO

A comunicação informando o ocorrido só aconteceu dois dias após o início da insurreição. A correspondência do capitão mor Manoel Francisco Xavier, datada de oito de novembro, levou ao conhecimento do juiz de paz o evento ocorrido na fazenda da Freguesia e Maravilha. Os historiadores afirmam que Manuel Francisco Xavier titubeou muito e teve de engolir a seco seu orgulho pois era inevitável comunicar o ocorrido ao juiz de paz José Pinheiro de Souza Werneck, um desafeto antigo e manifesto. Mas não havia alternativa.

Depois disso, houve o encaminhamento da comunicação ao chefe da guarda Nacional. Nela, o juiz de paz descrevia os pormenores da insurreição ao seu primo Francisco Peixoto de Lacerda Werneck (futuro barão de Pati do Alferes) e pedia ajuda militar para capturar os fugidos e conter a rebelião.

A insurreição gerou segundo Alan Carvalho, um grande medo, ou pelo assim quis demonstrar o juiz de paz na solicitação enviada à Guarda Nacional. Nela, requeria a presença da guarda em Paty do Alferes no dia 10 de novembro, às quatro horas da tarde, e justificava sua atitude com o receio de que aumentasse o mal. O temor era de que a insurreição atingisse outras fazendas e se alastrasse para outras localidades próximas.

E no dia marcado se aglutinaram em torno de 160 homens sob as ordens do Juiz de Paz e do Chefe da Guarda Nacional e partiram em busca dos negros revoltosos. Depois de andar cerca de 6 léguas, mais ou menos 24 Km, encontraram os aquilombados próximo a um córrego.

Os quilombolas foram encontrados numa arrancação além da Pedra do Silveira, perto de um córrego na aba da serra da Estrela. Foram os primeiros a atirar e após derrubar dois ou três integrantes da guarda, receberam como resposta uma saraivada de tiros que atingiu no mínimo 20 homens. A escrava Marianna Crioula continuou oferecendo resistência mesmo depois desse ataque fulminante e a história registra que ela teria gritado “morrer sim, entregar não” antes de ser atingida por uma enxurrada de golpes e coronhadas. Manuel Congo foi atingido por um tiro na perna.

CONDENAÇÃO E ENFORCAMENTO

Insurreição Negra e Justiça, de João Luiz Duboc Pinaud, é outra grande referência sobre a revolta, além de pioneira, se notabilizou por ser um trabalho que faz análise minuciosa, principalmente sob o ponto de vista jurídico do processo que levou o acusado principal, Manuel Congo, ao enforcamento. A obra é fruto de ampla pesquisa que bebeu nas fontes mais importantes do tema, principalmente no Arquivo Público Municipal de Vassouras, hoje sob a guarda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que contém documentos originais do processo.

Foram declarados culpados dezesseis escravos entre homens e mulheres. Foram dois processos diferentes, um sobre a insurreição e um sobre a acusação de homicídio, que recaiu de forma mais pesada sobre Manuel Congo. Obviamente não havia o mínimo respeito pelos trâmites legais visto que o acusado principal, o réu, era um escravo. Justino Benguela, Antônio Magro, Pedro Dias, Belarmino, Miguel Crioulo, Canuto Moçambique e Afonso Angola foram condenados a seiscentos e cinquenta açoites cada, divididos em cinquenta por dia e também a usar os chamados gonzos de ferro ao pescoço por três anos.

Marianna Crioula foi absolvida de ambos os crimes. Seu pior castigo talvez tenha sido o de voltar para a casa de sua senhora Elisa Xavier.

Manuel Congo foi ironicamente condenado “à morte natural por enforcamento” e a pena foi executado no dia 6 de setembro de 1839 (uma sexta-feira) em Vassouras, no local conhecido como largo da força, onde fica o pelourinho da cidade - hoje o lugar é conhecido como Pedreira.

MARIANNA CRIOULA - PRESENÇA FEMININA MARCANTE NA REBELIÃO

A participação das mulheres no levante foi significativa. Entre aquelas que podem ser citadas nominalmente pois de alguma forma figuraram nos autos do processo de insurreição estão Rita Crioula, Lourença Crioula, Brizida Crioula, Joana Mofumbe, Josefa Angola, Emília Conga e Marianna Crioula. Mas Marianna teve papel de destaque na rebelião.

Nascida no Brasil, como indicava seu sobrenome “Crioula”, Marianna era escrava de confiança da mulher de Manuel Francisco, Elisa Xavier. Exercia o ofício de costureira. Ao contrário do que diz o senso comum, não era concubina de Manuel Congo. Muitos são os indícios que podem confirmar seu protagonismo na empreitada. Assim como havia priorização de Manuel Congo pelo lado masculino, havia também o mesmo com Marianna em todo o transcurso do processo judicial. Tanto que Marianna foi a única escrava mulher citada nominalmente pelas testemunhas (homens brancos) nos autos que ofereceu resistência à captura. Segundo o coronel e chefe da Guarda, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Marianna Crioula só se rendeu pelo espancamento gritando “morrer sim, entregar não!”.

O LEGADO

Não são poucos os trabalhos artísticos, acadêmicos e literários sobre o assunto. Além de descrita nos trabalhos de Ignácio Raposo e Stanlei Stein, fundamentais para a compreensão da história da região no império brasileiro, a história foi romaneada por Carlos Lacerda (embora com algumas imprecisões históricas) no seu O Quilombo de Manuel Congo. Sob o pseudônimo “Marcos”, Lacerda narra episódios ligados à fuga, captura e enforcamento de Manuel Congo a partir de suas próprias inspirações libertárias durante a ditadura getulista. O livro foi escrito e publicado em 1935. Bem depois disso foi romaneada também por Antônio José do Espírito Santo (Espírito Santo) no Auto do Manuel Congo, em 1996. Registra-se também a publicação de Alaor Eduardo Scisínio de título Escravidão & A saga de Manoel Congo e um documentário feito por Dermeval Netto em 1989, ano em que se comemorou o centenário da Abolição da Escravidão, chamado “A Saga de Manoel Congo”, sobre a história da insurreição. Na área musical há um chorinho do músico Carlos Henrique Machado, dentro do precioso trabalho de Vale dos Tambores.

Para Alan Carvalho, a insurreição não abalou de fato as estruturas do império brasileiro. Teve sim importância simbólica e continua tendo até hoje, mas nada que ensejasse a mobilização de recursos ou a criação de estratégias específicas para lidar com o ocorrido. “Uma fuga com o quantitativo de escravos na principal região produtora de café, responsável pelo aumento na demanda de importação de africanos escravizados num período de vigência da lei antitráfico de 1831 e, conseqüentemente, de descumprimento, deveria ter provocado algum tipo de mudança e/ou transformação. Todavia, não se verificou nada nesse sentido, exceto a criação da comissão permanente de fazendeiros da vila de Vassouras que publicou, em 1854, um manual.” Ele salienta que a corte ficou sabendo do ocorrido pelos jornais. No dia 30 de novembro, o jornal O Sete d’Abril publicou, a pedido, um artigo de um fazendeiro com o pseudônimo “Um vizinho do capitão-mor, não influente no lugar”. O artigo visava pôr um ponto final nos rumores publicados no jornal O Chronista, que havia informado que os efeitos da insurreição tinham aumentado em função das intrigas entre os fazendeiros locais.

Já Flávio dos Santos Gomes afirma que não há dúvidas sobre o impacto do acontecimento. Pois tratou-se de uma insurreição violenta e implacável, com perseguição de tropas e o enforcamento do líder. “Depois da revolta dos malês, em Salvador, em 1835, a revolta de Manoel Congo acontece no coração do Vale do Paraíba cafeeiro, no quintal das grandes fazendas onde fortunas eram criadas e o prestígio de Barões se consolidava. Muitos africanos que foram introduzidos ilegalmente no Vale do Paraíba - pós lei antitráfico de 1831 - chegaram e viram (souberam) sobre o corpo de Manoel Congo balançando na forca. Enfim, podemos também pensar num legado da diáspora que se formava na região. Um tema que poderia ser mais bem explorado”, falou Flávio.

Mas há muito ainda para ser desvendado nessa história e parece que ela está longe de se encerrar. Uma parceria entre Flávio, Espírito Santo e Luís Cláudio Symanski - um dos mais conceituados arqueólogos da escravidão no Brasil - vão iniciar um trabalho à procura de vestígios da insurreição. Os três estiveram na antiga Fazenda Freguesia, na Aldeia de Arcozele em Paty do Alferes em fevereiro para conhecer o local e iniciarem uma conversa preliminar. A ideia envolveria escavação, pesquisa documental, registro da memória e divulgação. Há grande expectativa em torno dessa movimentação. Vamos ficar no aguardo!



FOTO: FAZENDA FREGUESIA, ATUAL ALDEIA DE ARCOZELE, PATY DO ALFERES - RJ

PAPERSKY MAGAZINE NO VALE DO CAFÉ

Representantes da conceituada revista japonesa Papersky Magazine, voltada para o turismo e estilo de vida, estiveram em março no Brasil colhendo material para a elaboração de uma reportagem especial sobre o Rio. O próprio editor da revista, Lucas Badtke Berkow veio junto com o grupo composto também por Yasuyuki Takagi, Hiroshi Utsunomiya, Kaori Sakurai e Naoki Ito (Ito Goro). Entre os destinos visitados, esteve o Vale do Café. Eles passaram pelas fazendas Taquara (Barra do Pirai), Ponte Alta (Barra do Pirai) e Cachoeira Grande (Vassouras). Estiveram ainda na sede do IPHAN regional e no Museu Casa da Hera em Vassouras e no espaço Uaná Etê, da harpista Cristina Braga em Sacra Família. Foram ciceroneados por Miriam Cutz, Relações Internacionais da Secretaria de Estado de Turismo do Rio de Janeiro e da TurisRio.



Equipe da Papersky na visita ao Museu Casa da Hera em Vassouras.

FOTO: MIRIAM CUTZ.



Lucas Berkow, editor da Papersky aprendendo Caninha Verde com o Mestre Manuel em Uaná Etê (Sacra Família).

FOTO: MIRIAM CUTZ.